

**A COMPLEXIDADE ECOLÓGICA À LUZ DO PENSAMENTO**

**DO PAPA FRANCISCO**

José Erivaldo Dantas [[1]](#footnote-1)

**Ecologia Ambiental**

***Resumo***

O presente artigo, tem como objetivo discutir a ecologia à luz do pensamento do Papa Francisco, em paralelo à teoria da complexidade do antropólogo, sociólogo e filósofo francês, Edgar Morin, considerado um dos principais pensadores contemporâneos e expoente da teoria da complexidade. Não se pretende aqui fazer uma abordagem sistêmica do pensamento de Morin, mas mostrar como a teoria da complexidade ajuda a entender o pensamento do Papa Francisco, que assim como Morin também propõe uma “reforma do pensamento”, a fim de discutir a complexidade da ecologia, um dos principais problemas antropossociais do nosso século. Francisco trabalha a problemática ecológica como um dos grandes feitos do seu pontificado, com o objetivo de levar a humanidade a repensar o seu modo de ser e de agir no mundo.

**Palavras-chave**: Ecologia; Complexidade; Papa Francisco; Edgar Morin.

**INTRODUÇÃO**

O Papa Francisco discute a dimensão ecológica a partir de uma visão global, a fim de envolver todos os seres vivos, habitantes de um único ecossistema, chamado por ele de “casa comum”. Para isso o Papa busca estabelecer um diálogo com a humanidade, os únicos seres vivos capazes de pensar e refletir sobre o seu próprio agir no mundo, que por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, corre o risco de se tornar vítima da sua própria ação. Isso porque, “o enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade (cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos)” (MORIN, 2000, p.40-41).

Talvez por pensar de forma desvinculada do todo, o ser humano perdeu a capacidade da complexidade do pensamento, que segundo Edgar Morin não tem que ver com dificuldade, mas com a incapacidade humana de perceber que todas as coisas estão interligadas umas as outras. “O pensar complexo é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações” (MORIN, p. 33). A ideia de Morin é superar o racionalismo clássico, que tratava a ciência como a busca da certeza absoluta através de elementos concebidos isoladamente. Nesse sentido, Morin (p. 68), afirma “que o que é complexo diz respeito, por um lado ao mundo empírico, à incerteza, à incapacidade de ter certeza de tudo, de formular uma lei, de conceber uma ordem absoluta. Por outro lado, diz respeito a alguma coisa de lógico, isto é, à incapacidade de evitar contradições”.

Nesse sentido, o pensar ecológico do Papa Francisco, perpassa pela dimensão da complexidade, que tem que ver com a busca não de soluções imediatas, mas com a capacidade humana de mudar o seu modo de ser e de agir no mundo. Isso significa uma mudança científica, social, política e religiosa, a fim de entender que todas as coisas estão interligadas umas as outras, e que assim como os ecossistemas são capazes de se relacionarem e se completarem uns aos outros, o sistema industrial precisa encontrar soluções de autossutentabilidade, a fim de preservar a vida humana e do planeta.

**METODOLOGIA**

Revisão bibliográfica dos documentos do Papa Francisco, principalmente a *Laudato Si*, texto em que o Papa discute a necessidade do cuidado da “casa comum” e “a preocupação de unir toda a família humana na busca por um desenvolvimento sustentável e integral” (LS 13). Diante da complexidade de se pensar a ecologia hoje, aplicar-se-á à pesquisa o conceito de “complexidade” a partir da visão do filósofo francês Edgar Morin, que discute a complexidade não como dificuldade, mas como necessidade de uma visão global e entendimento de que todas as coisas estão interligas umas as outras.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante dos desafios que vive o mundo complexo, ou seja, a incapacidade humana de perceber que todo está interligado, o Papa Francisco lança um convite para toda a humanidade, a fim de estabelecer um diálogo sobre o modo como o ser humano está construindo o futuro do planeta. Segundo Francisco

precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. O movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na consciencialização. Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros (LS 14).

Segundo Morin (1999, p. 25), “contextualizar é o problema da ecologia. Nenhum ser vivo pode viver sem seu ecossistema, sem seu meio ambiente. Isso quer dizer que que não podemos compreender alguma coisa de autônomo, senão compreendendo aquilo de que ele é dependente”. Aqui Morin está falando do modo como a ciência tem trabalhado, de forma isolada, porque o conhecimento ideal era escolher um objeto e pesquisá-lo exaustivamente. Entretanto, Morin fala da necessidade da contextualização, como elemento fundamental para construção do pensamento e de solução para o problema da ecologia, porque todas as coisas estão interligadas e não isoladas em si mesmas. “O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido” (MORIN, 2000, p. 36).

Desse modo, não se pode falar de ecologia sem contextualizá-la dentro de um pensar complexo. Contextualizar aqui significa trabalhar a problemática ecológica dentro de um campo complexo, considerando as partes no todo e não cada parte isolada em si mesma. Nesse sentido, quando o Papa Francisco discute a ecologia, ele não olha apenas no âmbito da natureza em si mesma, mas também

a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida (LS 16).

O pensar ecológico de Francisco não é isolado, mas é permeado por uma dimensão teológica, filosófica, antropológica, social, política e econômica. Isso reforça a tese de Morin de que “somos obrigados a nos situar, reconhecer-nos a nós mesmos para falar da sociedade da qual fazemos parte” (MORIN, 1999, p. 26). Sem esse princípio não é possível falar de ecologia dentro de uma visão global, mas apenas dentro de categorias mentais isoladas. Por isso Morin insiste em dizer que “o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita... o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar” (MORIN, 2003, p. 15). Nesse sentido, o Papa Francisco afirma que “as reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da humanidade e do mundo podem soar como uma mensagem repetida e vazia, se não forem apresentadas novamente a partir dum confronto com o contexto atual no que este tem de inédito para a história da humanidade” (LS 17). Com isso Francisco busca construir uma nova forma de apresentar as categorias filosóficas e teológicas, não como categorias isoladas em preceitos doutrinais e/ou dogmáticos, mas a partir de um processo de contextualização, considerando a necessidade de pensar e de refletir as questões que impactam a vida humana hoje. Para Francisco, “embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica” (LS 18). Isso porque nem sempre essas mudanças são dirigidas para o bem comum ou para o desenvolvimento humano sustentável e integral. Muitas vezes essas mudanças são sinônimos de deterioração do mundo e da qualidade de vida de parte da humanidade (cf. LS 18).

Grande parte disso tem que ver também com o que Morin (MORIN, 2003, p. 16) chama de “expansão descontrolada do saber”, ou seja, devido ao crescimento acelerado do saber, desencadeou uma verdadeira torre de Babel, com linguagens discordantes, de modo que o ser humano se tornou dominado por essa torre e incapaz de dominar seus conhecimentos. Segundo Morin,

os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época. Não conseguimos integrar nossos conhecimentos para a condução de nossas vidas (MORIN, 2003, p. 17).

Para Morin, isso significa dizer, que embora a cultura científica com seus conhecimentos fragmentados tenha feito grandes descobertas, teorias geniais, ainda não foi capaz de propor uma reflexão sobre o destino humano, nem mesmo sobre o futuro da própria ciência, justamente por sua incapacidade de refletir sobre os problemas gerais e globais e, consequentemente, incapaz de pensar os problemas sociais e humanos (cf. MORIN, 2003, p. 17-18). Como por exemplo, “as mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade” (LS 25). Outro exemplo é a economia, que embora seja “a ciência mais avançada matematicamente e a mais atrasada humanamente” (MORIN, 2003, p. 16). Nesse sentido, o Papa Francisco afirma que “a economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano (LS 109).

São exemplos como esses que permitiram a Morin avançar na proposição da necessidade do pensar complexo, que nada mais é do que a complexidade de um tecido, ou seja, o que é tecido junto. “A complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (MORIN, 2005, p. 13). Porque, por exemplo, segundo o Papa, “a especialização própria da tecnologia comporta grande dificuldade para se conseguir um olhar de conjunto” (LS 110), ou seja, um olhar complexo, capaz de perceber que tudo está disposto num tecido conjunto. Mesmo porque, segundo o Francisco,

a fragmentação do saber realiza a sua função no momento de se obter aplicações concretas, mas frequentemente leva a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte alargado: um sentido, que se torna irrelevante. Isto impede de individuar caminhos adequados para resolver os problemas mais complexos do mundo atual, sobretudo os do meio ambiente e dos pobres, que não se podem enfrentar a partir duma única perspectiva nem dum único tipo de interesses (LS 110).

Percebe-se aqui uma íntima relação entre o pensamento de Morin e o pensamento do Papa Francisco, ambos acreditam que a fragmentação do pensamento impede o ser humano de compreender o tecido social, que está envolto de um sistema complexo, e diz respeito a muito mais do que a soma das partes. “Trata-se... de desenvolver uma teoria, uma lógica, uma epistemologia da complexidade que possa convir ao conhecimento do homem” (MORIN, 2005, p. 17). Nesse sentido, Morin propõe uma reforma do pensamento, uma reorganização do entendimento de ciência, uma revolução paradigmática, a partir do conceito de sistema aberto, que diferentemente do conceito de sistema fechado, que apresenta “uma visão do mundo classificadora, analítica reducionista, numa causalidade unilinear” (MORIN, 2005, p. 23), o sistema aberto tem valor paradigmático, capaz de trazer um princípio de complexidade, porque nele está incluído o meio ambiente, o que permite o estudo e a interação entre os sistemas e ecossistemas. Nesse sentido, quando o Papa Francisco se refere ao problema ambiental, ele diz que

a cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. Caso contrário, até as melhores iniciativas ecologistas podem acabar bloqueadas na mesma lógica globalizada. Buscar apenas um remédio técnico para cada problema ambiental que aparece, é isolar coisas que, na realidade, estão interligadas e esconder os problemas verdadeiros e mais profundos do sistema mundial (LS 111).

Como o sistema fechado já está tão arraigado no consciente coletivo, na opinião de Morin, esse olhar diferente, esse novo estilo de vida, considerando a proposto de Francisco, só seria possível mediante uma reforma no ensino e na pedagogia da escola primária, uma forma de possibilitar as crianças desenvolver o espírito de relação entre os problemas e os dados (cf. MORIN, 2005, p. 34). Embora na opinião de Morin esse processo só aconteça mediante uma mudança estrutural no processo de ensino e aprendizagem, é fato que diante da gravidade do problema ecológico, parte da sociedade está entrando em processo de maior conscientização. “Nota-se uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza, e cresce uma sincera e sentida preocupação pelo que está a acontecer ao nosso planeta” (LS 19), que se apresenta não penas como um problema ecológico, mas um problema ambiental, porque tem que ver com a vida do Planeta e a condição humana. Mas é fato, que diante da gravidade do problema, para o Papa Francisco não serve apenas cuidados paliativos, é necessário pensar a complexidade a fim de desvelar os verdadeiros e mais profundo problemas do sistema mundial. Por isso que a esse respeito, Morin considera que a reforma do pensamento se faz necessária, porque

trazemos, dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e, ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura. Assim, Cosmologia, ciências da Terra, Biologia, Ecologia permitem situar a dupla condição humana: natural e metanatural (MORIN, 2003, p. 37).

O processo de conscientização e de sensibilidade em relação ao cuidado com a natureza, exige da ciência e da humanidade a superação do *imprinting* social e cultural.

O *imprinting* é um termo proposto por Konrad Lorenz para dar conta da marca indelével imposta pelas primeiras experiências do animal recém-nascido (como ocorre com o filhote de passarinho que, ao sair do ovo, segue o primeiro ser vivo que passe por ele, como se fosse sua mãe), o que Andersen já nos havia contado à sua maneira na história d’ O patinho feio. O *imprinting* cultural marca os humanos desde o nascimento, primeiro com o selo da cultura familiar, da escolar em seguida, depois prossegue na universidade ou na vida profissional (MORIN, 2000, p. 28).

Nesse sentido, o Papa afirma que muitas vezes, o que dificulta encontrar soluções viáveis sobre o problema da ecologia, está relacionado com atitudes que “vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas” (LS 14). Por isso Francisco também considera que “a tecnologia, que, ligada à finança, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros” (LS 20). Na Laudato Si, o Papa considera que enquanto os ecossistemas são capazes de se relacionar e de se complementarem por meio de um sistema circular de produção, o sistema industrial, por sua vez, não desenvolveu a capacidade de absorver e reutilizar resíduos e escórias. Não foi capaz de adotar um sistema de produção circular capaz de assegurar recursos para todos e para as futuras gerações (cf. LS 22). Nesse sentido, Morin afirma que uma das ameaças mais graves em que incorre a humanidade, tem que ver com o progresso cego e incontrolado do conhecimento incapaz de reconhecer e de aprender com a complexidade (MORIN, 2005, p. 9-10).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebe-se uma íntima relação entre o pensamento do Papa Francisco e o pensamento de Edgar Morin. Embora não seja possível afirmar categoricamente, pode-se dizer que o Papa leu Edgar Morin para fundar suas proposições em relação a defesa do meio ambiente, a fim de mostrar a necessidade uma visão global das coisas. Tanto para Morin como para o Papa Francisco, não se pode limitar o pensamento com soluções imediatistas ou paliativas em relação a problemática ecológica, porque quando isso acontece corre-se o risco de solucionar um problema e desencadear tantos outros.

Nesse sentido, Morin defende a necessidade de contextualizar, a fim de mostrar como todas as coisas são dependentes umas das outras, e não isoladas em si mesmas, porque na visão de Morin nenhum ser vivo é capaz de viver fora do seu ecossistema, sem o seu meio ambiente, por isso Morin afirma que só é possível falar da sociedade da qual se faz parte, mediante um processo de contextualização. Por isso o Papa Francisco salienta que as reflexões teológicas e filosóficas, se não vierem acompanhadas de um confronto com o contexto corre-se o risco de se apresentarem vazias e sem sentido.

A partir do momento em que o Papa propõe uma reflexão a respeito da defesa do meio ambiente, o Papa busca estabelecer um diálogo entre teologia e contexto, filosofia e contexto. Uma proposição que ultrapassa as normas e as regras da pura e simples doutrina cristã católica. Para o Papa a Igreja não pode viver isolada nela mesma e indiferente aso desafios da humanidade, por isso a necessidade de uma visão de conjunto, uma visão complexa, capaz de perceber a realidade para além da doutrina e da dogmática. Nesse sentido, Morin entende que somente uma visão complexa, uma visão global, é capaz de considerar a situação humana no âmago da terra e capaz de enfrentar os grandes desafios de nossa época.

Tanto Morin como o Papa Francisco, estão de acordo que embora a cultura científica tenha feito grandes descobertas, o fato de trabalhar com conhecimentos fragmentados, se torna incapaz de pensar sobre os problemas gerais e globais. Isso se dá por sua incapacidade de uma visão de conjunto. Desse modo, ambos consideram que a reforma do pensamento é o grande passo para lidar com os desafios que assolam hoje a humanidade, como por exemplo, o desafio ecológico, que segundo o Papa não pode ser reduzido a uma série de respostas urgentes e parciais, mas uma mudança de pensamento que leve a um novo estilo de vida.

**REFERÊNCIAS**

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, Brasília 2000.

MORIN, Edgar. **Por uma reforma do pensamento.** In PENA-VEGA, Alfredo e ALMEIDA, Elimar P. de. **O pensar complexo:** Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

1. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade de São Paulo - PUC-SP, erivaldodantas@l@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)